

MOLDER, Jorge; REIS, Pedro Cabrita

Uma conversa por acabar = An unfinished conversation

Jorge Molder

Pedro Cabrita Reis, esta tua obra *Fundação* junta tempos, circunstâncias e, chamemos-lhe “coisas” muito diferentes. Tem a ver com a história da Fundação Calouste Gulbenkian, com a sua própria história enquanto artista e também com pequenos caminhos, de aproximação e de afastamento, que vão nascendo e parecendo e que são inevitáveis quando mundos, apesar de tudo diferentes, se entrecruzam. Aliás, foi nesse sentido que foste o artista escolhido para entrever essa ligação entre um tempo passado, com as suas memórias e o seu inevitável peso, e o futuro, que é sempre um território de interrogações, por ser pensar que este movimento tem a ver com, assim o creio, a tua arte.

Pedro Carita Reis

Perante o vosso desafio, a resposta acabou por ser ir transformando naturalmente num *statement*. O sítio assim o pede, o momento também o exigia, de certa forma, assim como a minha relação com a esta casa, pelo papel que ela desempenha na sociedade portuguesa, na construção e na criação de uma cultura portuguesa contemporânea. Foi isso testemunha enquanto estudante de belas-artes, depois como jovem artista e mais tarde ao longo de vários momentos do meu trabalho. Neste meu projecto convergem numa multiplicidade de tempos que contribuíram no início para torná-lo extremamente denso e complexo, carregado de memórias e circunstâncias, e que foi necessário ir apurando até encontrar um forma mais cristalina, tendo sido acima de tudo necessário, como critério, condensar o objecto conceptualmente e assim criar uma peça que combina um inevitável grau de hermetismo, que qualquer obra de arte tem, com a especificidade de um projecto deste tipo. Porque, por um lado, é uma encomenda sobre o momento particular da casa, e também porque, ao executá-la, acabam por nela convergir diversos momentos de um tempo meu enquanto autor. Digamos que se está perante uma sobreposição de níveis e fragmentos de tempo muito densos e complexos que desde o início foram criando entre si pontos de resistência, pontos de passagem difícil, situação que me conduziu a um profundo exercício de despojamento. A matéria inicial era muita, e muito rica, do ponto de vista da análise sobre o objecto de encomenda. Creio que o resultado não o é menos, mas agora revela-se-nos essa riqueza como um todo denso, pleno e compacto.

Jorge Molder

Mas gostava agora de te interromper para te pedir que falasses sobre o teu trabalho, porque, embora não seja esta a primeira vez que te acompanho num projecto de envergadura – estou a referir-me à tua exposição de 1994, *Contra a Claridade*, uma exposição que me parece importante por ser uma das tuas primeiras revisitações da tua obra –, acho que desta vez estive mais próximo, até pelas características do desafio, e pude ver com maior proximidade o teu modo de alcançares a obra. E uma das coisas que me apercebi é que estás permanentemente a fazer uma espécie de *scanning*, a avaliares o que foi feito e a inventares permanentes mudanças, pequenas, médias e radicais, por vezes como que lidando com um quadro preto que apagas e redesenhas. É curioso, porque mesmo naqueles momentos de pausa em que te afastas, aparentemente para te ocupares de outras coisas, reparei que, seja para almoçares, fumares os teus charutos, contares ou ouvires coisas diferentes, estás sempre a trabalhar, estás sempre a fazer revisões daquilo que estás a fazer.

Pedro Cabrita Reis

Não sei se devo tomar isso como uma pergunta ou apenas a verificação muito complexa e rica daquilo que sinto em mim como permanente um estado de espírito. É verdade que é assim que funciono. Tenho uma incapacidade de discernir os diversos tempos da minha vida, funciono de um modo que se poderia dizer absoluto, em permanência, seja qual dor a circunstância e sobre qualquer matéria. Pode ser sobre a natureza de uma conversa com as pessoas, pode ser sobre uma observação de algo que acontece à minha frente, pode ser sobre o livro que estou a ler ou acerca de qualquer música que oiço. Não imagino como é que poderia não ser desse modo. Não sei... é difícil falar sobre algo em relação ao qual não se te distância, não tenho distância em relação ao próprio modo como existo, percebes? Estou sempre a trabalhar, é um facto, tentando saber quando é que há possibilidade de vislumbrar um fim perfeito, um completar perfeito de um projecto, de um trabalho, de um desenho. Há sempre essa necessidade de rever, reviver e retornar esse momento que anuncia o fim. Devo dizer-te, aliás, que sinto esse momento primeiro fisicamente e só depois é que tenho dele uma percepção intelectual. Digamos que o meu corpo sabe e diz-me de um modo mais veloz que o meu espírito quando um trabalho está terminado. É uma sensação de plana harmonia, como se por um instante apenas se sentisse algo que imaginamos ser o sentido da perfeição, como se nos transformássemos numa coisa única, eu e o mundo.

Jorge Molder

Escolheste, há pouco, das profundezas da colecção do Museu Calouste Gulbenkian, precisamente um paisagem, de pequenas dimensões, assinada pelo Corot, como tantas outras, cuja inclusão na obra em curso me parece assinalar um momento de encerramento, de conclusão, como uma pequena janela com vista para outros mundos e outros modos, Concordas?

Pedro Cabrita Reis

Sempre soube que esta paisagem ao acervo da casa ficaria em suspenso praticamente até ao final. Sabia igualmente que queria introduzir na multiplicidade de tempos que esta obra tem um outro tempo totalmente diverso, até mesmo estranho, talvez. E teria que ser uma pintura, uma pintura que gerasse um relativo grau de perplexidade mas que fosse sobretudo um sinal sobre um outro modo de fazer as coisas, e que pela sua presença permitisse estabelecer, talvez de um modo ínvio, outra reflexão acerca do meu próprio trabalho. Essa é possivelmente a mais-valia trazida ao meu trabalho por esta pintura atribuída a Corot, a qual ironicamente só se pode ver estando de costas para a sala, isto é, deixando de ver o trabalho para ver a pintura, e vice-versa.

Em permanente deslocação, percorre-se a sala, deambulando pelo interior do trabalho e, dentro de um objecto construído, vê-se um cabeça em mármore de Canova e, chagando ao final desse caminhar fragmentado, no extremo da sala, onde não se pode ir mais além, os olhos deparam-se com esse apontamento de paisagem.

Sabemos de pequenas histórias em torno da hipotética "falsidade" desta pintura, mas isso também me interessa. Interessa-me jogar com esta fragilidade acerca da atribuição, isso deixa ficar sempre uma interrogação a pairar sobre a natureza e os limites da autoria. Claramente um lugar movediço, donde podemos partir para a projecção da obra sobre o mundo, e como vê-lo através dele, e interrogarmo-nos acerca dos modos como tudo isso pode "medir" política, crítica e esteticamente. Perguntamo-nos então sobre em que território assentaria o entendimento do objecto de arte. E qual a génese do prazer que a sua função nos traz? A emoção? Uma deriva do conhecimento?

De qualquer forma, para mim a introdução das peças de Canova e de Corot representa uma perturbação que quero introduzir num modo de entendimento da minha obra. Em arte são as perguntas que contam, já que as respostas nem sequer existem.

Jorge Molder

Percorres uma espécie de escala, não musical mas material, que vai da pedra, e doutras matérias primeiras, como se de uma intromissão da natureza se tratasse, a outras que trazem já consigo as suas mamárias, que assinalam histórias já vividas. Há depois as forças que circundam e circulam a obra, com especial destaque para a luz, matriz da vida, até depois chegarmos à tal pequena paisagem que deixa ver essa outra natureza que já não é definitivamente uma matéria prima.

Pedro Cabrita Reis

Mesmo se de uma forma paradoxal, eu tenho sempre invocado para o meu trabalho a impossibilidade do lugar da natureza. Mas, provavelmente, não terei jamais uma resposta clara para a questão. Quando escolho uma pintura novecentista com uma temática natural ou paisagística, em aparente contradição com o todo do trabalho, induzo um perplexidade que atrás referi e que é também minha, vejo anunciada uma contraposição por resolver entre um mundo da natureza, criado, e p mundo construído, nosso. Edificar será que caracteriza com menos obscuridade a vocação do humano. É por ai, por essa instabilidade, por esse quase desequilíbrio que é quase uma ferida que não sara, que deve ir a percepção do meu trabalho.

Jorge Molder

Gostaria de voltar atrás e que falássemos sobre o seu trabalho em geral. Na minha opinião, houve uma obra que constituía um momento de viragem importante no teu percurso: estou a referir-me a *Alexandria*. Acho ser aí que estabelececes já com total clareza o vocabulário do teu fazer, da tua relação com a natureza e com a construção, enquanto artista, evidentemente. Surgem aí, com uma elaboração definitiva, os temas da vida com as suas energias e circulações e a memória. A água e a história, os rios que transportam a vida e aquilo que ela sabe, ou que conheceu e guardou. São ambas correntes, que circulam, retêm e transformam. Os teus trabalhos da série *Hospitais* dão a ver essa rede subtil e frágil, onde se movem energias que sabemos vitais e que, embora não seja possível determiná-las de uma vez por todas, têm sempre a ver com a vida e a memória. Aparece aqui também a luz, como força produzida pelo homem, e que reforça o permanente jogo entre a ocultação e o querer ver mais. Fala-me um bocado dessas coisas.

Pedro Cabrita Reis

O uso da luz no meu trabalho deverá ser entendido a par com o meu igual interesse pela água. Cronologicamente, as peças de luz dos meados dos anos 90 sucedem-se às peças que fiz no princípio dessa década e que tinham como referência

conceptual a água, embora, como saber, esta jamais estivesse presente. Enquanto conceito, a água interessava-me como uma espécie de matéria-prima original, um lugar de origem, um “estado de graça” que antecedia tudo. No princípio dos anos 90, fiz uma série de trabalhos brancos, em gesso. Fundamentalmente com materiais próprios da construção civil: placas de estafe, que talvez já nem se produzam. E, formalmente, todos esses trabalhos reportavam-se a uma qualquer arquitectura da água, canais, depósitos, tanques, poços, etc. No que diz respeito à natureza do material então utilizado, não deixa de ser curiosa essa antítese entre a absoluta secura de um material que é o gesso, com o qual vou construindo essas peças, e a água pela sua ausência, instância simbólica e objecto do trabalho, sempre omnipresente, matéria primeira, lugar primeiro, a que são referidas todas as buscas da origem. A narratividade e a retórica são territórios estranhos à minha obra: essa água é, afinal, uma espécie de sombra, e existe sem presença física no meu trabalho. Uma presença inferida, contudo, numa escultura que é um poço, feita numa matéria impossível que será o gesso, e que ao ser um poço está ligado a um cano que por sua vez desagua num tanque, que por sua vez está ligado a um outro tanque maior; há aqui um articular e uma construção, digamos que há um trabalho que se refere a si próprio como um sinal de uma procura de um qualquer princípio. Agora, passados estes anos, essa procura materializa-se no meu trabalho através da presença da luz.

Jorge Molder

Há pouco referiste algo que me parece muito importante, por pensar tratar-se de uma questão fundamental para a arte. Que é a impossibilidade da retórica e da narrativa. Infelizmente, ou curiosamente, este nosso mundo está repleto destes usos desviados, que tem vindo a ocupar, a meu ver abusivamente, as ruas principais.

Pedro Cabrita Reis

Bom, creio que a narrativa e a retórica estão para a arte como a ideologia está para a política. Grau supremo da abjecção, enunciam a impossibilidade da inteligência. Em arte, pelo menos da forma como eu vejo, isso dá-nos, entre outras coisas, lamentáveis, aquela entediante e infinita procissão de obras supostamente engajadas politicamente, com um ar compungido, e que olham para nós com uma postura penitente, pequeno-burguesa, na farsa da salvação do mundo através de uma consciência correcta. Atitudes que, tudo pretendendo explicar, invocam para a obra o árido estatuto de ilustração de uma qualquer causa, reduzindo a pintura ou

a escultura a uma pobre bonecada ingénuo e arrogante. Mas isso pouco nos poderá interessar.

Estou seguramente mais interessado no mistério da beleza de todas as pinturas do mundo, uma beleza que reside na própria inutilidade desses estranhos objectos ou, talvez de uma outra forma mais rigorosa, na própria impossibilidade que desvendam. Mas essa é uma prerrogativa nossa, de desafio da morte. Será talvez a única e verdadeira medida de humanidade. Poder ainda assim, depois de todos os horrores, saber que existe um tempo de silêncio, de coisas que fazemos e que o são porque vêm de sítios em nós que ignoramos e que, contudo, são amadas por outros como nós, diferentes de nós...

Jorge Molder

E libertar-se do mundo da necessidade...

Pedro Cabrita Reis

Bom...isso agora levar-nos-ia, no mínimo, à melancolia que decorre da percepção de inexistência de Deus. E perguntaríamos se não há uma bondade última que possa redimir tudo, será que a arte o poderia fazer? Será que nos poderia libertar desta finitude que é, afinal, essa necessidade de que falas e, ao fazê-lo, levar assim a nossa condição para além do limite? Não te saberei responder a isso. Até onde irá não te poderia dizer, mas pressinto que a obra de arte nos chega de um qualquer lugar em nós onde se amalgamam estranhamente dois limites. Um vivo, que é o amor, e um outro, inultrapassável, que é a morte. Chega...

Jorge Molder

Movimento, com a vida, as marés, a memória...

Pedro Cabrita Reis

À medida que esta obra se foi criando, fazendo e desfazendo, apareceram e desapareceram fragmentos que testemunharam outros tempos meus, pedaços de tempo que irrompiam através de fragmentos físicos, como sinais de coisas feitas de um modo idêntico àquilo que teria feito há 20, 15 ou 5 anos atrás, ou mesmo no ano passado. Convergiram assim momentos diacrónicos da minha vida, com outras histórias aqui da casa tornando tudo ainda mais difícil e hermético mas que, através de um processo de escolha que é sempre uma espécie de despojamento, se recusa, se deita fora, se amputa, voluntariamente se rejeita. Isso foi um processo de limpeza, mas limpar é como tentar encontrar um possível estado de pureza original a partir do qual pudéssemos imaginar alcançar a verdade, uma verdade

qualquer, uma coisa total, absoluta, única, sabendo que a verdade é fragmentada, é frágil, é impenitente a sua volúpia de se transformar em qualquer momento numa coisa e noutra a seguir. Não há uma verdade, e contudo é sempre atrás disso que se está, é para isso que converge todo o nosso esforço de despojamento, é para isso que converge a necessidade de deixar para trás coisas que aparentemente já não fazem falta, é para isso que converge todo o exercício de análise e de crítica e de condensação ao máximo que um artista faz em relação à sua obra e que, não fugindo à regra, eu fiz aqui também em relação a esta obra no CAM.

Jorge Molder

Creio que nesta tua obra fica evidente e manifesta aquela tua possibilidade, aquela tua capacidade de transformar e mostrar um pensamento e uma acção em constante estado de mudança, e acho que quem visitar esta exposição, não sei se poderá (talvez possa através deste livro) exactamente reencontrar todas essas mudanças, algumas muito radicais, algumas que te puseram em causa, tu puseste-te a ti próprio em causa, puseste em risco coisas que tiveste, transformaste-as e não foram pequenas transformações, foram decisões de grande dimensão, de grande fractura. Por um lado, e isto é extremamente interessante, tu partiste do vazio, começaste a usar as memórias da casa, começaste a usar um espaço enorme, vazio, e foste introduzindo uma linguagem que é tua e que é uma linguagem extremamente curiosa porque é visualmente irresistível, mas que é conceptualmente também

Irresistível, porque obriga a pensar. Tenho passado imenso tempo lá no "sítio" da *Fundação*, e tenho visto as pessoas tentarem encontrar um sentido, encontrarem forma de se interrogarem acerca das coisas. Não sei se estou a fazer uma pergunta ou se estou a fazer uma declaração, mas gostava de ouvir o que pensas sobre isto...

Pedro Cabrita Reis

Gostaria de continuar a acreditar que, para as pessoas que passaram por este lugar, o processo de construção desta peça foi também um tempo de abertura. Simultaneamente parte integrante e espectadores de algo que decorria em permanente transformação, avançando e recuando, percebendo como evidente e inevitável que nada estava terminado, que era algo que não se sabia quanto mais tempo ainda iria demorar a acabar, mas que se sentia ter uma potencialidade de ser usufruído, experimentado e vivido como uma acção convocadora dos sentidos e da inteligência, interrogando-se sobre onde nos levariam todos aqueles gestos ali

testemunhados. Isso foi extremamente enriquecedor em relação ao modo com o eu próprio me revejo no meu trabalho. Isto porque acabo de dizer-te foi um momento. Outro momento, que equilibra este, é um momento de suspensão e silêncio. E a passagem através da obra, os percursos que as pessoas fazem quando a vivem e quando a percorrem para vê-la a partir de todos os pontos possíveis, percursos feitos em passos de silêncio, um tempo de suspensão. E, isso para mim é muito importante. Um silêncio que nasce de um desaparecimento dentro da obra; as pessoas vão e vem, desaparecem dentro dela à procura de um hipotético sentido e isso, devo dizer-te, dá-me uma grande alegria e ao mesmo tempo é uma coisa emocionante, porque é saber que não haverá resposta, não há respostas possíveis, mas que, seguramente, esse silêncio, essa espécie de introspecção, essa espécie de suspensão no modo como se está ali, será talvez sintoma de uma coisa interior, de um perguntar que nasce do interior, algo que não é...

Jorge Molder

Tornar mais fortes e urgentes o poder e a necessidade de interrogação. Vou terminar com uma pergunta que gostaria de te fazer que é a seguinte: atravessa a arte dos nossos tempos uma questão, que surge a partir da ideia napoleónica de trazer as obras de arte de toda a parte para Paris, capital do mundo, acerca da relação de uma obra de arte com o sítio onde está. Olhando agora para esta *Fundação*, percebe-se exactamente que, para além de nos falares da história da Fundação, dessa relação entre a memória do passado e o futuro que comecei por referir, falas aqui, com é natural, da tua relação com duas coisas: por um lado, com a Fundação Calouste Gulbenkian e, por outro, com a arte e com o teu mundo enquanto artista. Esta obra, que só aqui encontra a sua razão de ser, é o resultado dessa teia que ao longo destes dias foste tecendo e, mesmo assim, a sua existência extravasa o sítio, as memória e os seus possíveis saberes para nos mostrar sentidos e razões de ser que são bem mais dos que aquilo que aqui está, aqui e agora. Em todo o caso, espera-se que este livro dê conta da riqueza e da importância das transformações que aqui aconteceram e das questões que foram, constantemente, levantadas, e por isso mantenho a pergunta que tão sinuosamente fui colocando. Como é a relação do teu trabalho com os sítios onde as mostras? De que forma lidas com isso, estou por exemplo a pensar na obra que fizeste de homenagem ao primeiro presidente da Gulbenkian. Também neste caso usaste de alguma forma essa conjugação dos elementos, do sítio, do local, da memória, sei lá do quê, de uma linguagem, de uma, com é que hei-de dizer, de uma semântica que é bem tua.

Pedro Cabrita Reis

Não posso ver o trabalho que produzi ao longo destes anos como uma *aggiornamento* em relação a esta ou aquela tendência e particular. Apenas sucede que, tal como tu, nasci e vivo neste tempo e não noutra, dele vivendo e com ele vivendo como qualquer outra pessoa. Mas olho sempre de um lugar que outros talvez considerem excessivamente individualista para a época, se comparado com a generalidade das boas consciências praticantes. Sinto-me relativamente de fora, num lugar de grande vastidão, e nas obras que aí faço vou perscrutando o mundo em pensamento e aprendo a esquecer coisas que em tempos julgava saber importantes. É bom saber deixar uns desenhos por acabar....

Jorge Molder

E é essa sábia incompletude que torna o teu trabalho cada vez mais completo...

Pedro Cabrita Reis

Fiquemos por aqui então....

MOLDER, Jorge; REIS, Pedro Cabrita – *Uma conversa por acabar = An unfinished conversation*. In: SHWARTS, Dieter; MOLDER, Jorge [coord.]; REIS, Pedro Cabrita [coord.] – **Pedro Cabrita Reis: Fundação = Pedro Cabrita Reis: Foundation**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. p. 46-52, 53-59.
(transcription of the portuguese version)